

A VIOLÊNCIA DAS RELAÇÕES AFETIVAS EM DALTON TREVISAN

Doutorando Moacir Dalla Palma¹ (PG – UEL / FAFIPAR)

RESUMO: *Este trabalho objetiva analisar a violência das relações afetivas nos contos de Dalton Trevisan. Para tanto, far-se-á necessário um breve levantamento acerca da violência nas relações humanas, com intuito de demonstrar que a violência está ligada ao fato de que os homens possuem tendências agressivas mais ou menos latentes. Parece que são assim as personagens de Dalton Trevisan, envolvidas na preocupação de uma satisfação pessoal que gera ciúme, briga, sofrimento e morte. Desta maneira, as personagens vivem suas relações afetivas desvirtuadamente, ou seja, o amor, que deveria gerar prazer e alegria, torna-se o princípio gerador de violência, transformando-se em angústia, amargura e ódio.*

PALAVRAS-CHAVE: *Literatura Brasileira; Dalton Trevisan; contos; violência.*

Sabe-se que a violência sempre esteve presente na história da humanidade. Desde os primórdios da civilização até a contemporaneidade o homem construiu a sua história sob conflitos. Tais conflitos visam, quase sempre, os mesmos objetivos: dominar, aumentar território, escravizar o inimigo. Esses aspectos, relacionados às guerras entre tribos, entre cidades e, posteriormente, entre nações, foram assimilados e adaptados para a vida individual do ser. Destarte, na vida individual, o ser humano acostumou-se a manter alguém sob o seu controle, a dominar a pessoa que, de alguma forma, está vinculada a ele. Neste sentido, as relações afetivas passam a ser vivenciadas como se o outro fosse propriedade e não um ser com sentimentos e emoções. Logo, sendo propriedade e não um ser livre, o indivíduo será subjugado ao prazer do outro. Estes fatos demonstram que a natureza humana está fundada, não apenas pelo aspecto racional que tomou conta do ser a partir de um determinado momento, mas principalmente pelo aspecto instintivo, impulsivo, que faz com que, em determinadas situações, o homem realize atos de extrema violência contra seu semelhante. Não se está afirmando aqui que a violência seria fruto apenas de momentos em que o homem perde o controle de suas próprias emoções; mesmo quando o homem se torna um ser racional, passando a controlar suas emoções, suas vontades mais primitivas, não percebe que a qualquer momento isto pode vir à tona, explodindo com uma violência incontrolada. Mas, ao mesmo tempo, por ter se tornado racional, o homem passou a racionalizar até mesmo a violência.

Neste sentido, evidencia-se que, a partir da racionalização, o ser humano passou a controlar, a calcular, a projetar, a planejar, a justificar, a elaborar, até mesmo a própria violência. Isto não significa que o homem deixou de ser violento; ao contrário, a violência faz parte das características mais primitivas da humanidade, ela está dentro de cada um, esperando o momento para ressurgir. Entretanto, pode ressurgir tanto como forma incontrolada da natureza humana, nos acessos de loucura e descontrole do ser, quanto como forma controlada e racionalizada, nas diversas possibilidades, desde crimes premeditados até guerras entre nações.

Desta maneira, não há como falar de violência, sem concordar com alguns aspectos das teorias elaboradas sobre ela. Tais como, a de Roger Dadoun, em *A Violência: ensaio acerca do homo violens* (1998), em que afirma que a violência é característica primordial e essencial do homem, sendo até constitutiva de seu ser. Assim, estaria associada a qualquer aspecto da realidade humana, sendo ela “autodestrutiva” por vocação. Ou ainda, a de René Girard, especificamente sua obra *A Violência e o Sagrado* (1990), em que desenvolve idéia semelhante, quando diz que a violência é “intestinal”,

¹ **Moacir DALLA PALMA, mestre em Letras, doutorando em Letras.** Professor de Teoria da Literatura na Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras de Paranaguá (FAFIPAR), Departamento de Letras, e-mail: sec_fafipar@yahoo.com.br; Pós-graduando na Universidade Estadual de Londrina (UEL), Programa de Pós-Graduação em Letras, e-mail: ppg_letras@uel.br; e-mail pessoal: moadpalma@yahoo.com.br.

ou seja, ela é interna, íntima do ser humano e que se revela através das desavenças, rivalidades, ciúmes e disputas entre próximos.

Dadoun e Girard discordam no aspecto de ligação da violência com a religiosidade. Para Dadoun a primeira figuração representativa da violência seria a morte de Abel, no *Gênesis*. Caim, sentindo-se preterido por Deus mata Abel, já que o divino aceita a oferenda do irmão e não a dele. Caim recebe como castigo o banimento do local onde se fixou sua família, todavia ele acaba por criar uma nova civilização, o que, para Dadoun, comprova a idéia de que a humanidade descende de um criminoso. Segundo o estudioso, aquilo que parece ser apenas violência bruta, ou pura violência, é, na verdade, perpetrado sem que se possa designar-lhe uma razão suficiente. Ater-se ao texto bíblico o qual afirma que Caim mata porque é tomado por “grande cólera” é tautológico. A Cólera, diz o teórico, é uma manifestação típica da violência, ou seja, é a vertente interna, psicológica, do ato. A origem desta violência criminal, em verdade, não é outra senão o próprio Deus, e é por isso, que pode ser qualificada de pura ou essencial. Pois, em louvação a Deus, os dois irmãos trazem os produtos selecionados de seu trabalho: Caim, agricultor, oferece os frutos que colheu da terra, enquanto Abel, pastor, oferece os primogênitos de seu rebanho de ovelhas. Um quadro bíblico que deveria ter transbordado de satisfação um Deus pleno de bondade e adorado por suas criaturas. No entanto, conforme Dadoun, Deus estraga tudo, agradece a oferenda de Abel e recusa a de Caim, puro capricho do divino num gesto de soberana arbitrariedade, a não ser que Deus tenha conseguido cheirar, nos animais trazidos por Abel, os sangrentos eflúvios de sacrifícios vindouros. Este fraticídio original leva a violência a um ponto culminante e extremo que servirá de matriz para uma longa e incansável posteridade de crimes.

Enquanto Dadoun se utiliza da religiosidade e do texto bíblico para expor uma das figuras da violência: a gênese, a figura originária, Girard afirma que o sagrado é tudo que domina o homem. As condutas religiosas e morais visam à não-violência na vida cotidiana, paradoxalmente por intermédio da própria violência, através do freio automático e onipotente de instituições que determinam a vida em sociedade. No caso de Caim e Abel, Girard faz uma ligação com o rito sacrificial onde a violência intestina poderia ser ludibriada através do sacrifício. O teórico vê esta imagem do texto bíblico como a possibilidade de desviar a violência da vítima humana. Ele analisa a situação no sentido de que parece existir um desejo interno de violência de irmão contra irmão, demonstrando que, fundamentalmente no princípio das sociedades, os irmãos estão destinados a lutar entre si. Para exemplificar este posicionamento é só lembrar das histórias bíblicas, tais como: além da história de Caim e Abel; a dos filhos de Isaac, Esaú e Jacó, que disputam a primogenitura; a dos filhos de Jacó, que vendem o irmão mais novo como escravo; ou então, das histórias mitológicas gregas: Minos e Sarpedon, que disputam, além do poder, o amor de Mileto; e os filhos de Édipo, Etéocles e Polínicos, que disputam o governo de Tebas. Deste forma, o pensamento de Girard leva a entender que a postura de Deus, ao recusar a oferta de Caim, evidencia que somente através de uma vítima sacrificial é possível desviar o desejo de violência que Abel também sentia contra seu irmão Caim.

Como se vê, embora os dois pensadores sigam caminhos distintos ao falar de violência, há uma semelhança: ambos consideram que a violência faz parte das características do ser humano; ela é de todos e está em todos, é intrínseca. O ponto comum que se pode perceber sobre esta figura da violência do homem contra o homem, dentro da teoria dos dois estudiosos, é que ambos a consideram originária, primordial. Através disto, deixam transparecer que a civilização foi fundamentalmente construída sobre o sangue derramado, desde os primórdios da presença do homem na terra.

Na obra de Sigmund Freud existe uma idéia semelhante. Em *Além do princípio de prazer*, na *Teoria dos instintos*, ou ainda em *As duas classes de instintos* (1969), Freud defende a tese de que a natureza do homem se estabelece através de duas classes de instintos que visam à autopreservação: “instinto sexual”, ou de vida, também cognominado de Eros; e “instinto destrutivo”, ou de morte, também cognominado de Tanatos. O instinto destrutivo seria responsável pela violência, a partir do fato de que deve ser desviado para fora de si mesmo, evitando desta forma a autodestruição. Neste sentido, infere-se na teoria de Freud de que o homem seria um ser violento por natureza, não só para se autopreservar, como também para evitar a ameaça que o outro representa para sua vida.

Evidencia-se que o pensamento destes teóricos leva ao entendimento da violência como parte integrante do ser humano, ou seja, não há como eliminá-la do seio da coletividade porque os homens são seres violentos por natureza. Neste mesmo percurso, segue o pensamento de Mauro Perгаминик Meiches, em *A Travessia do Trágico em Análise* (2000). Ele argumenta que o homem, para viver em qualquer forma de organização humana, tem que se submeter a regras e proibições que possibilitem a convivência com o outro. Nesse sentido, o impulso interior tem que ser controlado para não deixar os desejos individuais sobrepujarem-se aos desejos da coletividade. Na vida organizada socialmente, o homem tem que aprender a conviver com o seu instinto, pois lhe é imposto um limite, através do qual ele fica sujeito a uma composição de forças que fortalecem o racional. Caso isso não ocorra, uma vez que existe a fraqueza humana a qual aparece na vida emocional e volitiva do homem, diz o psicanalista, o homem fica sujeito à aparição repentina do irracional que o conduz ao erro, já que a necessidade é que sobrecarrega e sobredetermina o ato. Desta forma, ficaria subentendido que existe um reinado absoluto da racionalidade e que aquilo que não se encaixa na vida civilizada passa a ser deixado de lado, gerando um conflito entre a possível existência de um inamovível do homem e as formas de vida em sociedade.

Sobre o comportamento do ser humano nas relações com o outro, Meiches argumenta que o homem lida com o sentimento de mal-estar, próprio de quem sabe que para viver sob qualquer forma de vida civilizada, é necessário o conhecimento que possibilite a convivência com o outro homem. Isso implica regras e proibições para aquilo que todos sabem ser próprio do ser humano. Para tanto, afirma ele, esse conhecimento passa pelo caminho da dor e com uma força de grande potência. A experiência dolorosa forja a transformação das relações com os outros seres humanos, mas não sem uma convivência turbulenta entre partes diferentes. Surge, então, o confronto do homem com sua vida civilizada, os assujeitamentos que ele teve e tem que fazer e tematizar para posicionar-se diante das leis que codificam uma situação e uma condição.

Segundo o ensaísta, existe, portanto, um caráter irrevogável da influência de outrem, gerando o sofrimento advindo do mundo exterior, capaz de se encavar no espírito com forças destruidoras onipotentes e implacáveis, desencadeando nas relações com outros seres humanos um sentimento mais doloroso que qualquer outro, pois o que está em jogo é o conflito entre duas ordens de coisas. Assim, o homem se situa em um solo totalmente movido de valores e práticas que instaura a formação do homem interior, do indivíduo como sujeito responsável, o que determina sua maneira de proceder na vida em sociedade, instaurando o processo de conscientização daquilo que se faz. O ser, portanto, deve estabelecer um uso adequado para a vontade ou intenção, que não firam os valores sociais preestabelecidos, adquirindo virtudes necessárias para agir conseqüentemente.

Contanto, a situação de conflito que se revela jamais terá uma solução definitiva, pois o jogo de forças contraditórias a que o homem está submetido implica, segundo o teórico, numa dinâmica geradora de mal-estar. Ele cita Freud, para comprovar sua idéia, pois este diz que a repressão da sexualidade e da agressividade incrementam o superego, que se torna imbativelmente poderoso. Devido a isso, quanto maior a repressão, mais evidente fica, segundo Meiches, que toda sociedade e toda cultura originam tensões e conflitos que demonstram a condição humana, seus limites e sua finitude necessária. Tal idéia freudiana está em *Totem e Tabu* (1969). Neste texto, Freud narra uma dupla violência originária. A primeira, uma violência bruta exercida por um macho sobre os membros da horda primitiva, apropriando-se de todas as mulheres, caçando, castrando ou matando os filhos tornados rivais. A segunda, uma violência conciliada, em que os irmãos unidos se livram do déspota e instauram uma sociedade verdadeiramente humana com duas instituições primitivas: o totemismo, culto do ancestral assassinado e a exogamia ou tabu, recaindo sobre as mulheres do grupo, pela posse das quais originalmente cometeu-se o crime. Freud fala ainda, de um mecanismo de interiorização, constitutivo do próprio tecido psíquico, que trabalha transformando a violência criminal em sentimento de culpabilidade, em angústia ligada à falta, ao pecado, ao remorso, assim como, ao desejo de reparação.

Como este trabalho objetiva analisar a violência das relações afetivas nos contos de Dalton Trevisan. Fez-se necessária a presença deste levantamento a cerca da violência nas relações huma-

nas, com intuito de demonstrar que a violência está presente das mais variadas formas na vida das pessoas, tornando-se parte da cultura do homem e envolvendo-o em situações de desconforto e sofrimento. Tal violência está ligada ao fato de que os homens possuem tendências agressivas mais ou menos latentes, levando ao entendimento da violência como parte integrante do ser humano, isto é, de que os homens são seres violentos por natureza. Parece que são assim as personagens de Dalton Trevisan, envolvidas na preocupação de uma satisfação pessoal que gera ciúme, briga, sofrimento e morte. Desta maneira, nos contos deste autor, as personagens vivem suas relações afetivas desvirtuadamente. O amor, que deveria gerar prazer e alegria, torna-se o princípio gerador de violência entre as personagens, transformando-se em angústia, amargura e ódio. Na vida socialmente organizada, o homem tem que aprender a controlar o seu instinto, ele fica sujeito a uma composição de forças que fortalecem o racional para o bom convívio na vida civilizada. Contudo, as personagens de Trevisan parecem fazer o contrário, são os instintos mais primitivos que determinam suas ações. O resultado é a experiência dolorosa que transforma as relações afetivas em uma convivência turbulenta e, porque não dizer, violenta.

Na vasta constância de Dalton Trevisan, percebe-se que a relação homem-mulher é o ponto central das narrativas. O alvo do narrador é, quase sempre, a relação conjugal, com todas as nuances que envolvem o casamento, visto como síntese da humanidade em conflito constante consigo mesma. Por isso, a relação do casal, quase que invariavelmente, é conflituosa: os homens espancam e abandonam as esposas e os filhos, ou são indiferentes e infiéis; as mulheres enganam os maridos e não dão atenção aos filhos. Daí, conforme Malcolm Silverman (1982), a utilização de enredos repetitivos, dissecando as relações conjugais e extraconjugais, que compõem o necessário e melodramático pano de fundo das histórias contadas pelo autor. Diz Silverman, em *Moderna Ficção Brasileira*:

O descontentamento do homem (e da mulher), o degradante relevo dado por ele (e por ela) ao lado instintivo do sexo, o uso repetido da violência indiscriminada, são todas manifestações da eterna tese vida-é-luta.

Os temas que emergem de uma tese de tal modo explosiva são agressivos e rudes, e não menos irônicos e cinicamente realistas. Vários títulos de coleções por si sós dão disto prova, notadamente *A Faca no Coração*, *A Guerra Conjugal* e *Desastres do Amor*. (Silverman, 1982, p. 86)

Os conflitos descritos por Dalton Trevisan são, em sua maioria, de natureza íntima. Por causa disso, os espaços são, quase sempre, circunscritos, privados; já que as histórias giram em torno do eterno triângulo e suas variações. Não significa que estes espaços perdem em universalidade, ao contrário, o ambiente universaliza-se no sentido de evidenciar o embate das relações afetivas entre marido e mulher, ou amante. Neste mesmo sentido, acontece a utilização, por parte de Trevisan, dos nomes das personagens. Com raras exceções, os nomes das personagens são João e Maria. No caso da necessidade de uma terceira pessoa, os homens recebem uma variedade um pouco maior: André, Nelson ou Lauro. Já as mulheres, quando casadas, noivas ou namoradas, restringem-se à Maria. Podendo ser utilizado o nome de Zezé ou Lili, em casos de amantes, parentes, amigas ou empregadas. Mas, na maioria das situações, os nomes fixam-se em João e Maria, com intuito de universalizar a eterna desavença entre marido e mulher.

O primeiro dos contos que serão aqui analisados é “Lágrimas de Noiva”, publicado originalmente na coletânea *Guerra Conjugal*, de 1969. Nesta narrativa curta, Dalton Trevisan conta a história de João e Maria desde o dia do casamento até o momento em que a esposa reage às investidas violentas do marido. O caráter de João começa a se estabelecer já na festa de casamento, pois chama a atenção da noiva por esta falar com um convidado, segundo seu pensamento mulher casada não pode conversar com outro homem que não o marido. Briga com Maria porque ela chora ao se despedir da mãe, quando saíam para a viagem de lua-de-mel. Acusa a noiva de não ser virgem, embora ela jurasse que o era. Na viagem a obriga a sentar-se de costas para as pessoas. Acusa-a de casar-se por interesse. Fica evidente, a partir desses fatos iniciais, apresentados por um narrador onisciente,

que João é extremamente ciumento. Não só pelo ciúme se caracteriza a personagem, mas também pela possessividade, já que procura desde o princípio da relação manter a mulher sob seu jugo.

Até mesmo nas relações sexuais do casal, João procura manter o domínio sobre a mulher. Embora não haja descrição detalhada da intimidade das personagens, evidencia-se, nas poucas palavras, que a relação sexual não é prazerosa para Maria. O marido exige dela posições desconfortáveis que a agridem e fazem com que ela sinta dor ao invés de prazer. Dentre elas, destaque-se uma, na qual as duas personagens ficam de cabeça para baixo. Por esse motivo, o narrador diz que: “Maria não se entregava com prazer porque a deixava machucada e cheia de dores” (Trevisan, 1995, p. 28). Percebe-se, nesta narrativa, uma violência que vai além de uma simples relação conjugal mal estabelecida. João é um homem que não consegue vivenciar nem mesmo a relação sexual de maneira mais afetiva e carinhosa. Suas ações são, todas elas, praticadas com o objetivo de humilhar e depreciar a mulher. Como se viu, desde o momento em que se sentiu casado com Maria, João passou a tratá-la como propriedade sua, querendo dominar todas as ações dela. A partir do casamento Maria, não só perde sua individualidade, como passa a ser mantida como uma escrava sexual, já que o marido exige dela determinadas posições que satisfazem apenas os instintos sexuais perversos e sádicos daquele.

Na sequência da história, João chega ao cúmulo de proibir a mulher de conversar com a mãe e de ir à missa, pois sua mulher não podia sair de casa sozinha. A relação do casal torna-se cada vez mais doentia, ao ponto de João brigar com a mulher todos os dias e quase matá-la estrangulada quando chegou em casa e ela estava na janela. Depois deste incidente, Maria, pela primeira vez, resolve tomar uma atitude e deixar o marido. Nesta cena, o narrador verte uma ironia caustica, não só ao transcrever o bilhete deixado por Maria, mas também pela forma como João consegue levar a mulher de volta para casa. Quanto ao bilhete, ao transcrevê-lo, o narrador deixa transparecer o espírito de Maria, uma mulher sonhadora e ingênua, que caiu nas garras de um homem sórdido e violento. Vale transcrever o bilhete com intuito de perceber a ingenuidade da mulher, pois fica evidente, principalmente pela sequência da narrativa, que ela ainda espera uma mudança de comportamento do marido:

Querido João, você me judiou demais. Não tenho mais amor, embora ache você um homem trabalhador. Pensava que ia ser feliz e foi tudo ilusão. É melhor que me separe de você fugindo escondida, na sua frente eu não teria coragem. Vou para um lugar onde não possa me encontrar. Não faça nenhuma bobagem. Adeus para nunca mais. (Trevisan, 1982, p. 28).

Note-se que apesar de o bilhete trazer um queixume de Maria, já que diz ter sofrido nas mãos de João, existe um respeito cerimonioso da esposa em relação ao marido. Não há, por parte dela, um enfrentamento direto às violências sofridas até então. Ela o respeita em desmedida quando diz que não o ama, mas o considera um trabalhador. Há, inclusive, uma espécie de medo escondida por trás das palavras da mulher, pois não tem coragem de se separar do marido, enfrentando-o diretamente e dizendo a ele abertamente que está descontente com o casamento mal sucedido. Por outro lado, parece que a frase dita no início do bilhete: “Não tenho mais amor”, não reflete o verdadeiro sentimento de Maria. Ao chamar o marido de trabalhador, fica a sensação de que ela o elogia, demonstrando sentir ainda um carinho especial por ele. Dá a impressão de que Maria tem esperanças de que João possa mudar de comportamento na relação. Ela o vê como um homem bom e respeita-o por isso.

O que deixa mais clara esta idéia, de que Maria pensa na possibilidade de uma reabilitação do marido, é a ironia da situação. A mulher escreve no bilhete que vai para um lugar onde não possa ser encontrada por João, preocupando-se com o que ele possa fazer em sua ausência. Em sua ingenuidade, Maria pensa que João pode fazer alguma coisa consigo mesmo, pois diz no bilhete para que não faça bobagem. A ironia está na sequência da narrativa. João não faz bobagem nenhuma, vai direto à casa da sogra, onde encontra Maria e, mostrando arrependimento pelas agressões à mulher, promete mudar de comportamento. Ela, crente de que sua atitude fez o marido repensar seu comportamento,

volta para casa, agora grávida. Nesta volta da personagem, o narrador demonstra um cinismo irônico sem precedentes ao dizer que: “Assim viveram seis anos, ora em idílio (nasceu uma filha), ora em guerra (outro filho teve poucos dias com as surras que ela sofreu durante a gravidez).” (Trevisan, 1982, p. 29). Ora, está claro que de idílio Maria só teve poucos momentos durante a primeira gravidez, logo após a volta para casa. Depois disso, voltou a sofrer com as agressões do marido. A violência de João chega ao cúmulo da agressão à mulher durante a segunda gravidez, causando com isso a morte prematura do segundo filho.

Como se vê, na continuidade do relato, João torna-se cada vez mais violento. O narrador descreve em poucas linhas que em princípio João não batia na mulher sem discutir, depois passa a bater sem discussão. Quando bêbado então, era ainda pior. Dá pontapé no cachorro, belisca e queima com cigarro a filha, bate de cinta na mulher, tenta matá-la: primeiro estrangulada, depois com revólver. Note-se que, aparentemente, neste conto não há motivos explícitos para a violência do marido contra a esposa. Esta violência parece ser algo interiorizado pela personagem masculina. É uma violência que está nele e é dele, como se fosse uma necessidade instintiva de maltratar alguém. Neste sentido, ao invés de relacionar-se carinhosamente e afetuosamente com a esposa e a filha, João maltrata, humilha, agride, violenta, aqueles que, supostamente, mereciam dele apenas afeto, carinho, amor.

Após esses seis anos de sofrimento, evidencia-se que Maria não é mais a moça ingênua do início do casamento. Foge para casa da mãe novamente, só que desta vez não se deixa enganar pelas promessas do marido. Ele tenta convencê-la de que vai mudar, mas percebendo que não a convence, passa a ameaçar de morte a mulher e a sogra. A única coisa que João consegue é levar a filha ao circo. De lá passa de bar em bar bebendo cachaça e comprando doces para a menina. Leva a criança na casa da amante, Zezé, obrigando-a a chamá-la de tia, como se negasse a isso João dá uns cascudos na cabeça da filha. Ao devolver a criança, ele ameaça de morte novamente a esposa e a sogra.

A narrativa parece se encaminhar para um fim trágico. Tem-se a impressão de que João, por ser agressivo e violento, matará a esposa. No dia seguinte ao passeio com a filha, João volta até a casa da sogra para, outra vez, tentar convencer a mulher a voltar com ele. Contudo, depois de perceber pela janela que mãe e filha estavam na cozinha fazendo trabalho de macumba para que ele morresse, bate na porta da sala, Maria desfere um tiro de revólver na direção da porta. O projétil não atravessa a madeira, mas João não tem tempo nem de começar a pedir perdão à mulher. Pois ela, agora na janela da varanda, lamentando-se por não ter acertado o primeiro tiro, dispara o segundo. João corre aos pulos para não ser atingido, parando no bar da esquina pede uma cerveja e bebe com aflição. Ele sua frio e sente as pernas trêmulas, fechando a história ao comentar que se não fosse ligeiro estaria morto.

Percebe-se, neste caso, que Maria consegue se desvencilhar da violência do marido apenas com uma atitude também violenta. Não fosse o fato de agir de tal maneira, atirando no agressor, estaria ainda adstrita aos desmandos dele. Continuar a sofrer, se não as agressões, pelo menos as ameaças. A impressão que se tem, ao final da história, é de que João ficou assustado com a reação de Maria. Até então ela era subserviente e inofensiva, não chegava a ser uma ameaça a integridade dele. Talvez, por isso, o marido a tratasse com tamanho desrespeito. Veja-se que, neste conto de Trevisan, a violência de João não tem uma justificativa plausível, parece ser algo de sua própria personalidade. Ele age violentamente como uma necessidade a ser satisfeita, enquadrando-se nas teorias descritas no início deste trabalho.

Outro conto aqui analisado é “Maria entre João e André”, publicado originalmente na coletânea *A Faca no Coração*, de 1975. Nesta narrativa, Dalton Trevisan vai mais longe na descrição da violência entre pessoas que deveriam vivenciar a afeição ao invés da agressão mútua. A narrativa já começa mostrando uma família toda desestruturada, o pai de Maria, João Maria, é, em poucas palavras, apresentado como um homem agressivo: “Da mulher fez uma barata leprosa do muito que a surrou; corcundinha, foi de carroça para o asilo. Livre da velha, amigou-se com uma polaca e passou a judiar dos sete filhos.” (Trevisan, 1979, p. 18). Note-se que Maria é oriunda de uma família em que o pai bate na mãe e depois a abandona num asilo. Ele vai além, após livrar-se da mulher passa a mal-

tratar os filhos. Tanto que Maria foge para a casa do irmão mais velho, André, com intuito de se livrar das agressões do pai.

A sexualidade instintiva parece dominar a trama. O pai abandona a mãe num asilo quando ela não mais satisfaz seus desejos, amasiando-se com outra mulher. Na seqüência da história a segunda mulher morre e o pai amanceba-se com outra, que também morre. Com estas mulheres o pai teve mais dois filhos com uma e cinco com a outra. Somando-se são quatorze filhos em três uniões. Tem-se aí um homem que vive para o sexo, não se importando com as conseqüências de seus atos. Os filhos advindos dessas relações é que passam por necessidades, tanto materiais quanto afetivas. Daí Maria ter procurado abrigo com o irmão. Contudo, este irmão vai pelo mesmo caminho do pai. Embora pareça, num primeiro momento, preocupado com a saúde da esposa doente, André, na verdade, também é movido pelo instinto sexual. Ele assedia a irmã por várias vezes, primeiro beijando-a no rosto, depois invadindo o quarto dela e a beijando na boca, para enfim deitar-se na cama de Maria e tentar possuí-la. A irmã só livra-se dos ataques dele depois de ameaçá-lo com uma faca que mantinha no quarto. Veja-se que a personagem foge da violência do pai e cai na violência do irmão.

Neste momento da história, André põe a irmã em xeque, dando-lhe três opções: tem relações sexuais com ele, volta para a casa do pai, ou vai para o asilo com a mãe. Maria, então, fica sem saída. Não pode voltar para a casa do pai, pois este já está viúvo pela segunda vez e com um número enorme de filhos, se já sofria antes, agora seria ainda pior. Ir para o asilo com a mãe estava fora de cogitação. Restava apenas entregar-se aos caprichos sexuais do irmão. Contudo, ela fica com a quarta opção, já que aparece na casa de André um homem, João, para o qual o irmão oferece Maria. Apesar de não gostar de João, em dois meses Maria casa com ele para livrar-se do assédio do irmão. Novamente Maria se vê diante de um homem movido pela selvageria sexual. O narrador onisciente deixa isto evidente quando diz: “De João tinha horror; quando ele a agarrava, meio à força, engravidava. Cinco filhos nasceram, um por ano. Ser mulher é escapar do André e cair nos braços do João.” (Trevisan, 1979, p. 20). Assim, Maria tenta fugir das garras de um homem animalizado pelo instinto sexual e acaba caindo nas mãos de outro de igual estirpe.

Esta mulher, porém, não será como a do conto analisado anteriormente. Em “Lágrimas de Noiva”, a mulher é ingênua e acredita na recuperação do marido, até que se dá conta que isto não ocorrerá e o enfrenta, tentando inclusive matá-lo. Já em “Maria entre João e André”, a mulher parece passar por uma transformação. Aquela Maria assustada na casa do irmão, torna-se uma mulher mais independente. Não que ela vá abandonar o marido, mas agora é professora, tem uma profissão. O narrador deixa isso transparecer quando diz que o marido a surpreende com um aluno no colo e quando diz que de tanto estudar Maria usava óculos. Pode-se dizer que esta independência financeira modifica o comportamento da mulher. Já que ela começa a aproveitar os prazeres da vida, vai ao baile com a filha, dança e diverte-se. Embora não fique evidente na narrativa, a impressão deixada pelo narrador é de que Maria tem relações extraconjugais.

Isso não significa que Maria é feliz. Pelo contrário, sofre agressões variadas do marido, como se vê nos seguintes trechos do conto: “Ali na rua João rebentou o colar, rasgou a gola do seu vestido novo e acertou-lhe na bexiga um pontapé, que a deixou entevada vários dias” (Trevisan, 1979, p. 21), e em: “Dele os filhos não querem saber, testemunhas medrosas das agressões à mãe. Saia curta já não pode usar – rodela roxa na perna.” (Trevisan, 1979, p. 21). Homem violento, João agride também os filhos. Como se vê no trecho em que ele desiste de arrastar a mulher e bate no filho com o cinto. Além do mais, João também trai a mulher. Neste caso a situação é pior ainda, pois ele tem relações sexuais com a irmãzinha de Maria, a qual ela havia acolhido em sua casa por causa da violência do pai.

A partir daí, pensa-se que esta mulher abandonará o marido, pois é independente financeiramente, inclusive não recebe ajuda dele na manutenção da casa, já que o narrador diz: “Maior vagabundo que o João nunca viu. Antes ajudava nas despesas, faz dois anos que bebe e come de graça. O rádio, a geladeira, a televisão foi só ela quem pagou.” (Trevisan, 1979, p. 21). Maria apenas exige, no entanto, que durmam em quartos separados, livrando-se com isso “do arranhão no pescoço, mordida no braço, pontapé na bexiga” (Trevisan, 1979, p. 22). Na verdade, não há interesse no bem-estar

do casal, muito menos no da família. Já que: “A menininha rói unha, tem ataque, grita dormindo.” (Trevisan, 1979, p. 22), e: “O filho cruza com o pai na praça e vira-lhe o rosto.” (Trevisan, 1979, p. 22), ou ainda: “Tão grande nojo, come de pé na cozinha [Maria], dando-lhe as costas [ao marido], senão instala-se com o prato diante da televisão.” (Trevisan, 1979, p. 22).

Compreende-se, neste conto, talvez ainda mais que no anterior, que as relações, que deveriam ser afetivas, são desvirtuadas e vivenciadas a partir de ciúme, amargura, sofrimento, angústia e dor. Há nas personagens de Dalton Trevisan uma visão um tanto equivocada da vida. Todas elas, sejam homens ou mulheres, enveredam por um caminho que parece não ter volta. Violentam-se mutuamente e não se dão conta que existe outra possibilidade que não a agressão, o sofrimento, a dor. A vida das personagens é feita disso e elas não vêem outra forma de viver que não essa. Na realidade, a sensação que se tem, quando se lê os contos do autor, é de que a vida é apenas isso. De que o ser humano é um ser violento, que se satisfaz com o sofrimento alheio, ou o seu próprio. Já que as personagens não saem deste emaranhado de situações conflitantes em que se envolvem. Prova disso é a cena final de “Maria entre João e André”, veja-se: “Maria chega em casa, a surpresa da visita de quem? Do André com a mulher parálitica. Ao servir-lhe cálice de vinho doce com broinha de fubá mimoso, encontra o olho vermelho de cobiça.” (Trevisan, 1979, p. 22).

Note-se, no trecho acima, a manutenção de um círculo vicioso de relações equivocadas. André continua desejando sexualmente a irmã e a impressão deixada pelo narrador é de que ela, depois de tanto sofrer nas mãos do marido, está disposta a vivenciar esta aventura sexual com o irmão. Não há como saber se algo acontecerá ou não, pois o narrador termina a história neste ponto. Nem mesmo há a certeza de que Maria está disposta a entregar-se ao irmão. Todavia, pela forma como o narrador conduz a história e pelo título dado a ela, esta possibilidade existe e é viável. Porque, como já dito aqui, as personagens de Trevisan não conhecem outra forma de existir senão vivenciando tudo de maneira equivocada, misturando sentimentos, emoções e sensações. Elas captam em profundidade apenas o lado instintivo, animalizado, selvagem do ser. As personagens de Dalton Trevisan não pensam, não raciocinam, elas se deixam conduzir pelo que há de mais primitivo no ser humano. Por isso, as relações afetivas são violentas, já que as personagens não sabem controlar nem os seus instintos mais básicos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DADOUN, Roger. **A Violência**: ensaio acerca do “*homo violens*”. Trad. Pilar Ferreira de Carvalho, Carmen de Carvalho Ferreira. Rio de Janeiro: DIFEL, 1998.
- FREUD, Sigmund. **Edição Eletrônica Brasileira das Obras Psicológicas Completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1969.
- GIRARD, René. **A Violência e o Sagrado**. 2. ed. Trad. Martha Conceição Gambini. São Paulo: Paz e Terra, 1998.
- MEICHES, Mauro Pergaminik. **A Travessia do Trágico em Análise**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.
- SILVERMAN, Malcolm. **A Moderna Ficção Brasileira**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.
- TREVISAN, Dalton. **A Faca no Coração**. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 1979.
- _____. **Guerra Conjugal**. 10. ed. Rio de Janeiro: Record, 1995.